

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Helen dos Santos de Araújo

**EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL E RELAÇÕES DE DIVERSIDADE NA INFÂNCIA:
DIMENSÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE**

Belo Horizonte

2015

Helen dos Santos de Araújo

**EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL E RELAÇÕES DE DIVERSIDADE NA INFÂNCIA:
DIMENSÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico Raciais e Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): José Raimundo da Silva
Lisboa

Belo Horizonte

2015

Helen dos Santos de Araújo

**EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL E RELAÇÕES DE DIVERSIDADE NA INFÂNCIA:
DIMENSÕES DE IDENTIDADE E ALTERIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Diversidade, Educação, Relações Étnico Raciais e Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a):

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

José Raimundo da Silva Lisboa – Faculdade de Educação da UFMG

Nome do Convidado – Instituição a que pertence

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Foto da localização da Umei Jaqueline através do Google Maps em 24/03/2015.....	16
FIGURA 2 - Foto da parte externa da Umei Jaqueline.....	17
FIGURA 3 - Foto da Turma do Respeito com as Professoras Helen e Telassim.....	19
FIGURA 4 - Desenho da Professora Helen realizado pela aluna Ana Francisca.....	30
FIGURA 5 - Foto da turma do Respeito em momento de interação.....	30
FIGURA 6 - Foto do livro Ninguém é igual a Ninguém.....	31
FIGURA 7 - Foto do livro Girafinha Flor faz uma descoberta.....	33
FIGURA 8 - Desenho extraído da internet da música Pindorama - Palavra Cantada.....	34
FIGURA 9 - Foto das alunas confeccionando a Bonequinha Preta.....	38
FIGURA 10 - Foto das alunas confeccionando a Bonequinha Preta.....	38
FIGURA 11 - Foto da Coleção de livros Africanidades.....	40
FIGURA 12 - Foto do livro Colcha de Retalhos.....	41
FIGURA 13 - Foto de um pedaço de colcha de retalhos.....	41
FIGURA 14 - Foto da Turma do Cachorrinho da Umei Jaqueline.....	42
FIGURA 15 - Foto do envelope da Correspondência da Turma do Cachorrinho	42
FIGURA 16 - Foto da carta da Turma do Cachorrinho.....	43
FIGURA 17 - Foto da exposição dos trabalhos na Umei Juliana.....	43
FIGURA 18 - Foto da Carta da Turma do Cachorrinho.....	44
FIGURA 19 - Foto da turma do Respeito se preparando para sair da escola.....	45
FIGURA 20 - Foto do cartaz de boas vindas.....	46
FIGURA 21 - Foto do encontro das turmas na Umei Jaqueline.....	46
FIGURA 22 - Foto de um momento de contação de histórias na Umei Juliana.....	47
FIGURA 23 - Foto de um piquenique das turmas na Umei Juliana.....	47
FIGURA 24 - Foto de atividade coletiva entre as turmas do Cachorrinho e Respeito.....	47
FIGURA 25 - Foto de atividade coletiva entre as turmas do Cachorrinho e Respeito.....	48
FIGURA 26 - Foto de uma pintura realizada pela aluna Ana Francisca da Escola.....	48
FIGURA 27 - Foto do encontro das turmas na Umei Juliana.....	48
FIGURA 28 - Foto do grupo de professoras e coordenadoras das Umeis.....	49
FIGURA 29 - Encontro das turmas na Umei Jaqueline.....	49

RESUMO

O presente trabalho analisou a construção das relações e os afetos no ambiente escolar na educação infantil, com o intuito de fomentar socializações baseadas no respeito às diferenças e na tolerância.

A partir da análise do panorama político e social da formação da nação brasileira, diante do paradigma do eurocentrismo impondo modelos e padronizando o mundo conforme seus ditames, e, da propositura da Lei .10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do resgate e valorização da história e cultura afro brasileira, foi levantada a base para a fundamentação teórica deste trabalho.

Conceitos de identidade e alteridade foram levantados e aprofundados para engendrar uma metodologia que contemplasse a realidade das crianças que foram atingidas pelo Plano de Ação proposto.

Atividades de inteiração, conhecimento e resgate de culturas foram propostas e realizadas no ambiente escolar, sob o grande questionamento: Qual é o papel do professor no processo de formação identitária dos alunos e dos seus afetos a partir do reconhecimento da imagem do outro?

Palavras-chave: Educação Infantil, Identidade, Alteridade, Relações Étnico Raciais.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	8
2. INTRODUÇÃO	9
3. JUSTIFICATIVA	11
4. IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA	14
5. IDENTIFICAÇÃO DA TURMA.....	19
6. OBJETIVOS.....	21
6.1) Objetivo Geral.....	21
6.2) Objetivos Específicos.....	21
7. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
7.1. Reflexões em torno dos Conceitos de Identidade e Alteridade	22
8. METODOLOGIA	26
9. DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA	29
9.1. Livro: Ninguém é igual a ninguém.....	31
9.2. Livro: Girafinha flor faz uma descoberta	33
9.3. Música: Pindorama - Palavra Cantada	34
9.4. Leitura do Livro: Biroasca quer fugir de casa	36
9.5. Livro: Crianças do Mundo	37
9.6. Livro: Menina bonita do Laço de fita	38
9.7. Vídeo comentado: Kirikou e a Feiticeira	39
9.8. Livros da Coleção Africanidades	39
9.9. Livro: Colcha de Retalhos	40
9.10. Conhecendo A Turma Do Cachorrinho: Reconhecendo A Turma do Respeito	42
10. AVALIAÇÃO	50
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
12. REFERÊNCIAS	53

"A alteridade não é apenas uma qualidade do outro, é sua realidade, sua instância, a verdade do seu ser, e, por isso, para nós, torna-se muito mais fácil uma permanência na coletividade e na camaradagem - difícil e sublime é co-habitar com a diferença, é viver o eu-tu profundamente."

(HADDOCK - LOBO, 2006.p. 48)

1 - APRESENTAÇÃO

O presente **Plano de Ação** tem o intuito de movimentar nas escolas questões que são importantes e que são reconhecidas como tal. Porém, estão relegadas ao canto do "vamos deixar para depois", no que concerne a valorização étnico-racial, valorização da diversidade cultural e de gênero.

A implementação da Lei 10.639/03 é o carro chefe de uma grande mudança de paradigma na sociedade no tocante às relações étnico-raciais e na valorização de uma educação que reconhece e valoriza a diversidade, comprometida com as origens de cada um. Compete a nós educadores e formadores de sujeitos no processo educacional, direcionarmos o olhar e nos instrumentalizar para que ações de discriminação, desrespeito ao diferente e o preconceito sejam dizimados de nosso cotidiano.

Em toda minha trajetória como educadora, sempre estive diante de situações de preconceito, discriminação e intolerância ao que sempre foi tratado como "diferente" em nossa sociedade. Confesso que meus estudos aqui no LASEB, elucidaram para mim ainda mais essas recorrentes situações, que já estão arraigadas no cotidiano das relações. Atualmente ações de discriminação, desrespeito e intolerância são normatizadas e legitimadas em nossa sociedade.

Minha proposta é um trabalho pedagógico voltado para a construção da identidade das crianças na escola, tendo como pano de fundo a valorização das subjetividades e especificidades dos sujeitos, numa relação de alteridade (onde reconheço a mim a partir do meu olhar para o outro) no intuito de fomentar relações de respeito às diferenças (cor, raça, cultura, gênero, etnia) e construção de valores.

O desafio nesse **Plano de Ação** é direcionar o olhar para o valor do indivíduo naquilo que o identifica. A identidade e a valorização do ser é o cerne desse trabalho. Pensar estratégias pedagógicas que levem as crianças a pensar sobre si, sobre o outro e se reconhecer na interação das relações.

2 - INTRODUÇÃO

O incentivo à prática pedagógica e ao trabalho em torno da promoção da igualdade étnico racial existe, mas sua prática acontece de forma velada e ainda não encontrou um caminho para ser absorvido pela própria diversidade dentro das escolas. Portanto, os seus aspectos mais significativos são prejudicados e seus objetivos se tornam distorcidos.

Como situação problema, evidencio nas escolas em que atuo como professora para a Educação Infantil, dificuldades que se relacionam à implementação de políticas educacionais voltadas para o trato da inclusão, da diversidade e relações de raça e gênero. Além disso, há o próprio despreparo docente em lidar com questões muito específicas de cada criança, sem esquecer-se do acompanhamento e monitoramento desses alunos que necessitam de práticas que lhe são peculiares para que sejam atingidos os objetivos pedagógicos.

Já vivenciei nas escolas situações que evidenciaram que estamos diante de grandes problemas para efetivar a tão questionada inclusão. Tais problemas, passam desde a dificuldade da escola em lidar com as famílias, que muitas vezes não sabem identificar qual necessidade sua criança apresenta, além disso, o despreparo docente em lidar com questões muito específicas de cada criança, sem esquecer-se do acompanhamento e monitoramento desses alunos.

Nesse contexto, a escola é o espaço de interação e formação dessas crianças. Acredito que a política educacional, para ser efetiva, deve atender a especificidade das leis elaboradas e atingir o objetivo prático que irá refletir positivamente na sociedade. Porém, nas escolas, nos deparamos com a prática política distorcida no trato com a inclusão e com práticas pedagógicas totalmente equivocadas e sem finalidade, que não dialoga com os agentes envolvidos no processo inclusivo.

Muito embora, e apesar de certas dificuldades, o nosso compromisso com a educação étnico-racial tem nos proporcionado condições para desenvolver as nossas atividades, conforme iremos descrever e analisar neste plano de ação.

De acordo com a publicação produzida pelo MEC, com o auxílio da Unesco, **História e cultura da África e cultura afro-brasileira na Educação Infantil: "As trajetórias profissionais e políticas de cada uma levaram-nas a perceber temas, perspectivas e histórias omitidas, silenciadas ou tratadas de forma distorcida**

na escola básica, tendo o seu início na educação infantil, quer seja nas creches ou nas pré-escolas." Ou seja, já existe uma preocupação no sentido de sanar com essa percepção distorcida no sistema educacional no tocante às relações de inclusão e diversidade e a consideração da importância de SER na Educação Infantil, o cerne desencadeador desse processo.

O problema ora destacado deve-se ao fato do desconhecimento, despreparo e falta de uma sensibilização nos projetos pedagógicos e nas práticas em salas de aula, no trato direto com nossas crianças. A título de exemplo concreto, experienciado na escola, posso afirmar que é normal constatar a seguinte situação: quando uma criança pratica uma ação de discriminação com outro colega, o trabalho do educador tem sido remediar a situação (geralmente, é feito um diálogo direto com as crianças explicando que "é feio falar mal ou zombar do coleguinha"), com pedidos de desculpas por parte daquele que proferiu a ofensa. O problema é tratado como solucionado e nada mais se fala sobre o assunto. Não há ações que trabalhem com as crianças o conhecimento e o reconhecer-se no outro para que seja proporcionado, antes, o respeito mútuo.

O que foi descrito acima refere-se ao campo das relações interpessoais ocorridas no ambiente escolar entre as crianças. Porém, há um problema maior que é quando uma criança branca ou negra faz referência à cor da pele, adotando uma postura de discriminação com o colega, seja ela branca ou negra. Minha proposta de trabalho é trazer para dentro das escolas e das relações que ela constitui, o conhecimento da criança em suas peculiaridades através de uma profunda análise da sua Identidade em confronto com as relações de alteridade , numa perspectiva que a faça se deslocar para o outro. Somente a partir deste deslocamento é que podemos despertar nas crianças atitudes de respeito à diversidade e à valorização do outro e de outras culturas e formas de expressão de gênero, a partir do momento em que essa mesma criança se reconheça nessa diferença, nesse encontro com aquele que lhe é oposto ou mesmo igual. Daí a necessidade de identificar e praticar ações que estabeleça uma verdadeira relação de interação. Só posso determinar minha existência a partir do encontro com o outro.O outro me legitima no encontro mágico das relações humanas.

3 - JUSTIFICATIVA

O Brasil é um país plural, diverso e em constante construção das suas relações sociais. Sua identidade cultural e étnica está alicerçada em uma história marcada pela dominação européia, onde a assolação da condição humana de grupos étnicos, escravidão e genocídio foram o cerne da construção desse país. Somos filhos de uma forte miscigenação entre os brancos, negros e índios, onde não podemos nos distinguir e nos determinar como fazendo parte de somente um desses grupos: somos filhos da diversidade.

Por essa marcante e importante diferença, nos deparamos com diversos tipos de problemas ligados a preconceitos e discriminação. Apesar de todo avanço tecnológico, onde a informação e o acesso ao conhecimento é disponibilizado, a sociedade brasileira ainda está avançando a passos curtos no que diz respeito a sua própria diversidade e as necessidades que suas relações requer. Ainda não conseguimos olhar o outro e nos definir como pessoas diferentes e sempre buscamos pela igualdade de cultura, de pensamento e de postura para estabelecer nossas relações. Negros sofrem na "pele" discriminações de grandezas homéricas pela sua cor. Índios continuam sendo desprezados e humilhados em sua própria terra e sofrendo o mesmo genocídio maquiado dos tempos do descobrimento.

Nessa perspectiva, temos que o Direito, em sua concepção e prática na elaboração de leis e normas, reflete demandas sociais e tende a regulamentar e estabelecer as relações. A implementação da Lei 10.639/03 trata-se de um instrumento jurídico de que se utilizou o governo de nosso país, no intuito de diminuir, abrandar, e, quiçá, sanar com as consequências de relações preconceituosas, discriminatórias que culminou em uma séria estratificação social, onde os negros são colocados em situações de subalternidade.

O que a Antropologia e a Sociologia nos traz sobre os indivíduos é que todos somos diferentes e apresentamos características peculiares que são os determinantes da nossa própria identidade. Nessa perspectiva, a diferença é a marca da sociedade brasileira e faz com que sua identidade seja definida como um país que possui uma multiplicidade cultural exuberante, variações e inúmeras expressões artísticas e miscigenado pela sua mistura de raças.

Pode-se afirmar que todos somos diferentes. Porém, tomando por base nossa própria Constituição (alicerçada por princípios que estão ligados a igualdade e a

valorização da dignidade da pessoa humana), somos todos iguais quando se trata da esfera jurídica no palco das relações conforme dita a Lei Maior. O que nos induz a concluir que todos nós somos atingidos pela implementação da lei que determina os estudos sobre a África e ensino das relações étnico-raciais e de gênero, onde se lê, respectivamente:

"Art. 5o. : Todos são igual perante a Lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...)"

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, tornar-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

O conteúdo teórico das leis educacionais partiu do reflexo social que evidenciou a necessidade de uma ação estatal, através da implementação de políticas que, através da educação e da ação efetiva das escolas, incluísse e nivelasse todos aqueles que se encontravam fora desse processo educacional formando sujeitos capazes de exercer sua cidadania de forma integral.

Diante do processo contínuo de globalização, a intensificação e agilidade da informação, onde evidenciou-se de forma contundente todas as formas de preconceito e discriminação, e tendo em nossas raízes históricas a marca indelével de anos de escravidão, percebemos que no Brasil as relações estabelecidas dão continuidade a esse processo discriminatório, onde a sociedade é estratificada, polarizada.

As ações desenvolvidas neste plano de ação tem a intencionalidade de repensar o conceito de identidade e diversidade dentro do paradigma da alteridade, através de ações sequenciais pedagógicas que despertem a vivência das crianças no sentido de ampliar seu universo moral, ético e cultural no encontro com o outro.

O plano de ação reflete o objetivo traçado pela implementação da lei 10.639/03, onde o educando possa ter um verdadeiro acesso a outras culturas, se inserindo e valorizando as diferenças, através de um profundo conhecimento de si através do reconhecimento do outro. Por alteridade, entende-se que o conhecimento de si se dá através da capacidade de se distinguir do outro. Quando eu conheço a mim, me difiro do outro e passo respeitar as desigualdades.

Como a identidade do sujeito é formada no ambiente escolar? Qual o papel do professor nesse processo? Como interferir de forma positiva e na formação de um conceito tão subjetivo para o ser humano? Como os afetos são construídos no reconhecimento da imagem do outro?

Esses são questionamentos que proponho ao longo deste trabalho, balizados pelas atividades de interação aqui propostas. Tais questões objetivam visualizar a formação da identidade primária no ser humano. Assim sendo, **como a identidade étnico racial se insere nesse contexto? Como a criança se coloca no mundo antes de formar conceitos que podem desencadear atitudes preconceituosas e discriminatórias?**

A busca pelo conhecimento científico sobre a diversidade e o conhecimento mais apurado sobre nossas raízes históricas é o caminho mais seguro para a enfrentar disparidades e desigualdades sociais em nossas escolas e, conseqüentemente, na sociedade.

O currículo escolar é um importante instrumento que trava uma luta política. É necessário ampliar e universalizar seu conteúdo, de forma a não privilegiar somente os grupos socialmente e culturalmente dominantes. Por isso é de grande importância a conquista por esse espaço, de forma a desconectar os trabalhos voltados para datas comemorativas que apenas fazem uma viagem turística e sem muitas finalidades sobre a diversidade cultural e a valorização do negro africano e brasileiro no processo de formação da nossa identidade enquanto nação.

Precisamos sair do lugar comum para observarmos aquilo que não conseguimos enxergar quando nos fixamos, quando não nos movemos e não nos mobilizamos. Nesse ponto me remeto à Rubens Alves, para pensarmos sobre a

responsabilidade e sensibilidade que devemos ter na nossa proposta de ensino e na nossa prática pedagógica:

"Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente e assim pode sentir mais alegria e dar mais alegria - que é a razão pela qual estamos aqui"

4 - IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

Sou professora da Rede Municipal de Belo Horizonte há sete anos atuando na educação infantil. Sou formada em Magistério pela Escola Municipal de Belo Horizonte. Cursei quatro períodos de História na Faculdade de Pedro Leopoldo e sou formada em Direito pela Faminas BH.

Sempre atuei no âmbito da educação. Desde pequena tive em minhas professoras referências como pessoas especiais detentoras de toda sabedoria sobre o mundo. Eram pessoas especiais.

Antes de concluir o curso de magistério, aos dezesseis anos, comecei a lecionar em uma escola particular próxima a minha casa, no Bairro São José, em Belo Horizonte, trabalhando com crianças de seis anos desenvolvendo trabalhos de alfabetização. Aos vinte anos me mudei para Sabará e participei de trabalhos eco pedagógicos durante três anos. De volta a Belo Horizonte, voltei a trabalhar em escola particular, porém na parte administrativa da Instituição.

Minha primeira lotação na rede de ensino da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte foi na Escola Municipal Acadêmico Vivaldi Moreira, em janeiro de 2008, localizada no Bairro Jaqueline, onde permaneci por dois anos na educação infantil, trabalhando com crianças de 5 anos. Por motivos pessoais de compatibilidade de horários, tive que pedir transferência para a Umei Juliana (no bairro Juliana, que é adjacente), onde atuo até hoje. Nesse tempo, pude vivenciar a docência com os dois primeiros ciclos da Educação Infantil, ou seja, com crianças de 0 a 5 anos e oito meses, podendo acompanhar o desenvolvimento das suas habilidades e capacidades, como lidam com seus pares de idade, com seus professores e a própria construção da sua identidade e independência no espaço escolar.

Assim que me formei na graduação e dispus do horário da manhã, assumi uma turma de 5 anos novamente na escola Acadêmico Vivaldi, a título de dobra, onde mais tarde vim a assumir um novo cargo, no ano de 2012, também como educadora infantil. Após um ano, essa mesma escola assumiu a Umei Jaqueline, e fui transferida para a mesma, tendo em vista que as turmas de educação infantil da referida escola foram fechadas para que houvesse um remanejamento de professores e de alunos para a nova Instituição.

Atualmente trabalho na Umei Jaqueline no período da manhã e na Umei Juliana no período da tarde. Essas instituições de ensino oferecem um atendimento educacional às crianças do entorno de suas localizações e àquelas que são consideradas como crianças que vivem em situação de vulnerabilidade.

Na Educação Infantil o desenvolvimento da criança está associado ao educar e ao cuidar, formando premissa indissociável necessária para a efetividade dos currículos e das propostas pedagógicas. Portanto, há uma grande preocupação dos professores e gestores em proporcionar para a criança um ambiente acolhedor, que atenda às suas necessidades próprias da infância e do seu crescimento, e, principalmente, traga-lhe segurança para que suas capacidades e habilidades sejam desenvolvidas de forma plena e saudável.

A Unidade Municipal de Educação Infantil – Umei Jaqueline, está localizada à Rua Luíz Gonzaga de Souza, número 101, no bairro Jaqueline, vetor norte de Belo Horizonte.

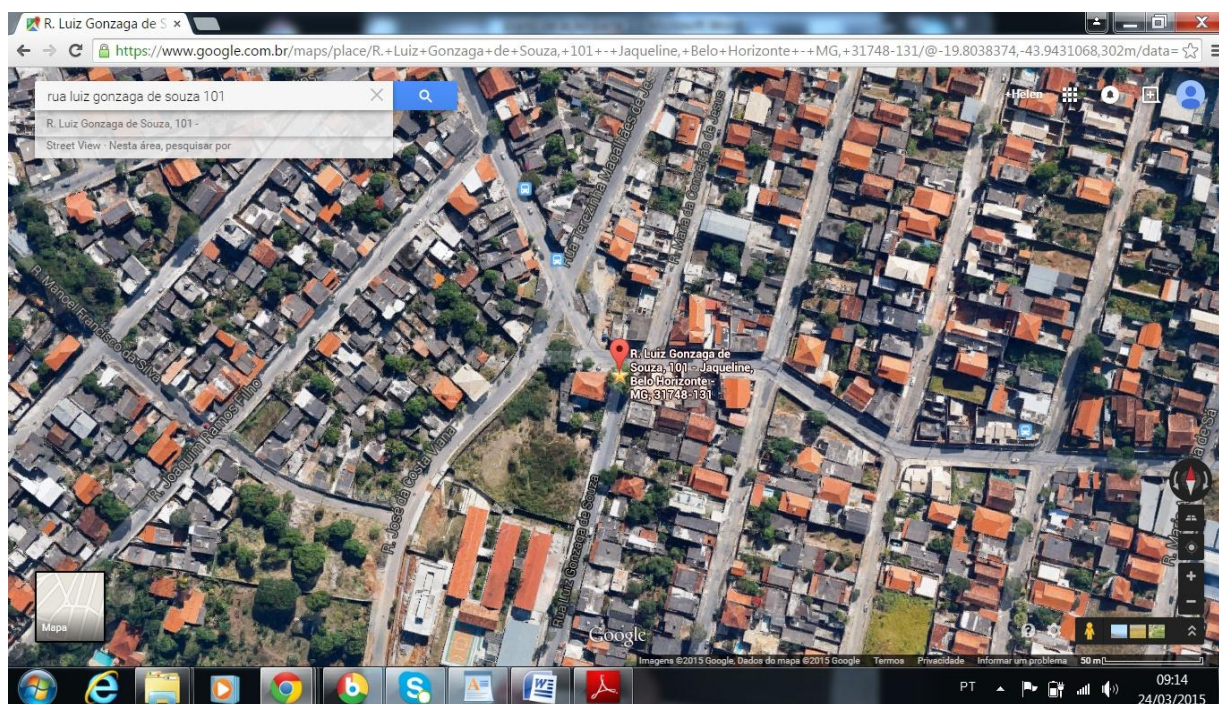


FIGURA 1 - Localização da Umei Jaqueline (construção ainda não aparece no google)



FIGURA 2 - Foto da parte externa da escola.

A Umei Jaqueline começou as suas atividades no mês de Abril deste ano, ou seja, é uma instituição muito nova, e ainda não foi realizada sua cerimônia de inauguração. Mesmo estando com pouco tempo de funcionamento e atendimento à comunidade, a escola já atende a 400 crianças, em dois turnos (manhã e tarde), com seu quadro de profissionais completo.

Por se tratar de uma escola construída através de um contrato PPP (Parceria Público-Privada) que a Prefeitura de Belo Horizonte firmou junto à Odebrecht, toda sua estrutura e manutenção é terceirizada. Possui uma grande área construída com um prédio em dois andares, com 7 salas no 1 andar e 8 salas no 2 andar, com capacidade física para atender até 450 alunos. Toda sua estrutura foi planejada para o atendimento à crianças de 0 a 5 anos. Possui duas grandes áreas externas que são utilizadas pelas crianças como parquinho, onde têm brinquedos e espaço

suficiente para realização de variadas atividades ao ar livre (jogar bola, andar de velotrol e bicicleta, etc.).

Importante relatar também que todo o pessoal responsável pelos serviços gerais de limpeza, vigilância, portaria e manutenção são terceirizados, e temos a figura de uma administradora que articula e fiscaliza esse trabalho.

O bairro Jaqueline é um bairro de fácil acesso para as pessoas que moram nas cidades vizinhas a Belo Horizonte Pedro Leopoldo, Lagoa Santa e Vespasiano, por se localizar bem próximo às vias que lhes dão acesso . Muitos professores que atualmente estão trabalhando nas escolas do bairro moram nessas cidades. O bairro possui um grande comércio de supermercado, farmácia, lojas diversas, restaurantes.

A maioria das famílias procurou a instituição a fim de ter um atendimento para suas crianças devido a grande propaganda midiática e divulgação dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos nas Umei's. A procura pelas vagas na instituição é frequente e infelizmente não possui vagas para atender a todos. A demanda da comunidade por escola é grande, e percebe-se um número significativo de crianças que estão em situação de risco e precisam estar na escola durante o período integral para manter sua própria integridade.

A grande maioria das pessoas que compõe as famílias trabalham no próprio bairro, no comércio ou são profissionais liberais. No tocante à escolaridade, observa-se que a grande maioria é alfabetizada mas poucos possuem curso superior. A população do bairro é bem diversificada negros, mulatos, brancos, mestiços e com religião diversificada também.

As famílias têm apresentado grande participação no cotidiano escolar, participando das atividades que lhe são direcionadas e sempre atendendo aos chamados da escola quando ocorre alguma necessidade da sua presença.

5- IDENTIFICAÇÃO DA TURMA



FIGURA 3 - Turma do Respeito e as professoras Helen e Telassim

Como este é o primeiro ano de funcionamento da Umei Jaqueline, o Projeto Institucional é sobre Identidade, pensado sob a premissa de que a escola deve, nesse primeiro momento, fomentar conceitos e atitudes que irão formar seus valores, estruturar seu funcionamento de forma a nortear o trabalho pedagógico iniciando um processo de constituição do próprio Projeto Político Pedagógico da escola no contexto e na comunidade que está inserida.

Trabalho na Umei Jaqueline no período da manhã e atuo como professora de projeto de duas turmas: uma turma de crianças de 5/6 anos e uma turma de 4/5. A turma onde dei maior ênfase ao projeto sobre identidade e relações étnico raciais foi a de 5/6 anos. Por compatibilidade de horário e por dispor de maior tempo em efetivo trabalho pedagógico, ficou mais viável realizar um trabalho que tivesse maior consistência. É importante ressaltar o fato de que as turmas começaram a funcionar em abril de 2014, e logo veio o período de copa do Mundo e as férias. Portanto, o trabalho ficou mais concentrado no segundo semestre. A turma elegeu como tema o

RESPEITO para se identificar na escola. Portanto, sempre farei referência à turma do Respeito para designar a turma composta por 15 alunos, sendo a maioria frequente, com crianças que moram no entorno da escola e que, em sua grande maioria, veio de outras instituições de ensino. O fato de já terem frequentado outras escolas deu a essa turma uma característica de pertencimento a Umei muito rapidamente. Eles se adaptaram e entrosaram muito bem com os seus pares. Na turma do Respeito, os alunos possuem grande autonomia nas suas ações. Absorveram de forma alegre a rotina da sala. Adoram cantar e realizar atividades manuais e artísticas (pintura, desenhos, colagens). Estão sempre atentos a tudo, são crianças extremamente participativas e anseiam por novos saberes.

Em rodas de conversas, e em diálogo com os pais, percebeu-se que a maioria das famílias possuem constituição familiar com os integrantes: pai, mãe, irmãos. A turma não apresentou origem familiar diferenciada desse padrão. Algumas crianças são negras, mestiças, brancas, pardas. Ou seja, a turma é bem miscigenada no que diz respeito a raça, cor e etnia.

Importante lembrar também que algumas famílias são pouco participativas do cotidiano escolar do seu filho. Porém, a minoria participativa é muito ativa e sempre corresponde de forma satisfatória às demandas e atividades que a escola propõe.

6 - OBJETIVOS:

6.1 - OBJETIVO GERAL:

O Plano de Ação teve o objetivo de oportunizar momentos através de trabalhos de interação e fomento das relações entre os alunos, onde cada um pode realizar um resgate da sua história e das suas origens. É importante realizar uma análise no comportamento das crianças de forma a perceber como as interações entre eles passariam a acontecer, como forma a erradicar com atitudes de preconceito, intolerância ao diferente, e incentivar práticas de respeito, tolerância e afeto entre elas.

As ações que venho desenvolvendo neste Plano de Ação tem a intencionalidade de repensar o conceito de identidade e diversidade dentro do paradigma da alteridade, através de ações pedagógicas que visam despertar a vivência das crianças no sentido de ampliar seu universo moral, ético e cultural.

6.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Incentivar atitudes de respeito mútuo, interação, valorização e tolerância no âmbito das relações entre as crianças a fim de excluir ações e comportamentos que tendem à discriminação e desrespeito.
- Mapear possíveis atitudes das crianças que expressem comportamentos hostis com os outros colegas e promover ações e atividades interativas que fortaleçam as dimensões de alteridade e identidade do educando.
- Orientar as crianças no sentido de construir uma história coletiva que traga em si, possibilidades delas se reconhecerem e que sejam capazes de conhecer e descobrir o que é constitutivo ou não no seu cotidiano.
- Despertar nas crianças curiosidades acerca da história da formação no Brasil e orientá-las no sentido de conhecer outras culturas como a Indígena e Africana.

7 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

7.1 - REFLEXÕES EM TORNO DOS CONCEITOS DE IDENTIDADE E ALTERIDADE

Conforme o dicionário eletrônico Michaelis, Identidade é *qualidade daquilo que é idêntico, espécie de equação ou de igualdade cujos membros são identicamente os mesmos(...), consciência que uma pessoa tem de si mesma*. Idem (o mesmo) dade (qualidade), ou seja qualificadora daquilo que é o mesmo, daquilo que é permanente. Porém, se o significado dicionarizado assim define, por outro lado, conforme Chantal Mouffe em sua obra **Por uma Política da identidade Nômade**, a identidade se forma através da própria afirmação de uma diferença. Portanto, é necessário a compreensão dessa premissa para concluir-se que toda identidade se cria através de uma relação, da determinação de um outro para que seja possível se estabelecer o antagonismo. Esta é a chave determinante para o surgimento da relação eu/ele, sendo que, havendo a negação ou questionamento dessa existência exterior, nasce o amigo/inimigo, relação esta necessária para a política.

A identidade não algo estável, palpável e definitiva. Ela se exprime e se constrói nas relações de forma provisória, momentânea.

Conforme reflexão anterior, só podemos tratar de forma igual a todos no que concerne à Lei, aos direitos e deveres. Assim, sob uma reflexão multiculturalista que compreende o respeito as diferenças e à individualidade de cada um, a Identidade é o que sou, construída na relação com o outro nas interações sociais. Nesse sentido, o outro é a própria diferença, aquilo que não sou. É na diferença com o outro que a identidade se define. O elemento que fundamenta a identidade é a não identidade.

Conforme Emmanuel Lévinas, o filósofo que propõe significativas reflexões sobre as questões voltadas para a definição da alteridade, a relação que tenho com o outro me faz assumir um papel de responsabilidade. Me faz questionar a mim mesmo, me esvazia, me esgota, proporcionando novas possibilidades de ação.

Lévinas critica veementemente o homem contemporâneo, que se anuncia absoluto, ilimitado, individualista, materialista, resultado das transformações científicas e tecnológicas que não foram capazes de superar as limitações humanas.

Num conceito amplo sobre alteridade, o outro define quem sou, quando não

penso em uma subjetividade fechada. A proposta é um movimento de uma saída de si, transpondo a totalidade do eu para as relações infinitas com o outro, onde se lê:

"Em síntese, pode-se dizer que a consolidação do pensamento de Emmanuel Lévinas se dá na crítica ao pensamento ocidental, organizado, segundo ele, como uma "egologia", um retorno no *Ser*, no próprio *Ser* em -si-mesmo³⁰ e que traz em si, o germe da guerra. Tomando o *Outro* por uma premissa, ele busca fundar no acolhimento desse *outro* um fonte da alteridade"

O outro é aquele que não sou eu, mas me oportuniza a me conhecer. É no outro que me afirmo, que me integro, e que potencializo as minhas próprias aspirações do ser.

Nossas relações são frutos das influências Ocidentais marcadas pelo eurocentrismo hegemônico, que relegou outros povos e culturas ao ostracismo, à submissão, de forma contundente os negros africanos escravizados por uma política dominadora que arraigou em nossa sociedade a intolerância, o individualismo e o desrespeito ao que é considerado "diferente" dos padrões eurocêntricos normatizados em nossa cultura.

A crítica que Lévinas faz é severa sobre a filosofia ocidental, centrada no ser egoísta, ser em si mesmo, de forma totalitária e insensível, onde o individualismo e o espírito de competitividade imperam de forma absoluta nas relações.

" Emmanuel Lévinas, na medida em que a filosofia ocidental centra-se na ontologia, torna-se uma filosofia egóista, pois, voltada para o próprio *Ser-em-si-mesmo*, em uma sociedade totalitária - fechada e insensível- onde a competição e a individualidade reinam absolutas".

"Considerando que a filosofia ocidental moderna tem por característica marcante a relação que liga o conhecimento ao *Ser* como objeto cognoscível, isto é, a ontologia, ela aprisiona o *Ser* no campo do conhecimento, e este perde sua identidade. A ontologia, portanto, é uma filosofia do poder."

Nessa perspectiva, a alteridade não acha meios de ser atingida pelos seres, pois o outro é reduzido de forma injusta à identidade do Eu, que extingue com qualquer tipo de exteriorização.

O pensamento de Lévinas propõe a tarefa de repensar o sujeito sob o ponto de vista da ética, a ética da Alteridade que ultrapassa o ser e atinge a sociedade. Diante desse movimento, podemos destacar as relações étnico raciais sob o ponto de vista de ser através das interações entre as diversas identidades, valorizando a época da formação dos seres (infância) é que vislumbramos a possibilidade de dizimar com atitudes de preconceitos, de intolerância e de desrespeito ao que pode-se dizer "diferente". Dá-se não somente a ampliação do ser, diferente do eu, mas ganha-se na sociedade a ampliação de modos de respeito e solidariedade nas relações.

Em Emmanuel Lévinas o conceito de Totalidade (interioridade) sugere uma racionalidade fundada no *Eu* penso, de forma egocêntrica e centralizada, sob a ótica do subjetivismo fechado, certamente produzida pela imposição do eurocentrismo no mundo. Em contrapartida ele propõe a mudança de paradigma através de um movimento de alteridade, no deslocamento para o outro, onde se dá o Infinito(exterioridade) através da abertura da subjetividade que irá proporcionar a amplitude do ser.

O ponto de partida não é mais o *Eu*, mas sim o que se adquire na exteriorização do outro. Diante dessa interação legitimadora irá se firmar a propositura da ética primeira, ou seja, a ética da alteridade.

Trazer o conceito de alteridade e identidade em Lévinas para o palco das nossas discussões acerca da implementação da Lei 10.639/03, fomenta e necessidade de trazer a baila dos nossos projetos educacionais e da nossa prática pedagógica atividades e dinâmicas consistentes que consigam realmente alcançar o imperativo categórico da lei, que é o de formar cidadãos conscientes da diversidade, inseridos na sociedade de forma digna sendo respeitado em todas as suas singularidades.

Esses conceitos e premissas marcantes na sua teoria é a base do caminho possível de trilhar na nossa busca enquanto profissionais da educação. É necessário pensarmos as crianças enquanto formadoras do processo de identidade umas das outras. Se o outro me legitima enquanto ser, é o outro que devo valorizar também. Sensibilizar e despertar as crianças para essa relação primeira com o mundo, com o outro na formação de si mesmo é, antes de tudo, o início de um trabalho voltado para a valorização das relações e da importância que cada um tem no mundo em que essa criança vive.

É necessário desconstruirmos em nossas práticas e conceitos arraigados em nossa sociedade voltado para o egoísmo, o egocentrismo e para a valorização do eu a partir da deslegitimação e desvalorização do outro. Nossa sociedade está calcada no consumismo desmedido, na valorização do ter em detrimento do ser. Estamos diante de relações onde as pessoas, para se identificarem e se colocarem no mundo, sentem a necessidade de colocar o outro a margem, de reduzi-lo e de silenciá-lo.

Só se encontra espaço a partir da marginalização do outro. Essa prática discriminatória de intolerância é vivenciada de forma reiterada nas escolas. Mesmo na Educação Infantil, vemos crianças que desde a tenra idade já sofrem marcadamente com atitudes de desrespeito e intolerância pelos seus pares. O modelo americano e europeu de ser está imperando em nosso meio e as crianças são espelhos refletores desse modelo encontrado no seio da sua família e no grupo social em que vive.

A nós, educadores e edificadores do processo das relações de nossos alunos, cabe a criação de estratégias de desconstrução e desnaturalização dessas distorções. Auxiliar o educando a dar o primeiro passo e iniciar um processo que possa ter continuidade nas próprias crianças. Nesse ínterim, nos aponta Lévinas:

"Lévinas aponta para uma desconstrução do sujeito apropriado e voltado para os próprios interesses, reafirmando desde o período clássico até a modernidade um sujeito que deseja sua liberdade de *Ser*, ainda que a custa do sacrifício do *outro* e propõe a descoberta do outro como ruptura com a totalidade, em busca da diversidade e, conseqüentemente, da humanidade."

Despertar a criança para conhecer e experimentar o outro de forma a encontrar a si mesma é a proposta que podemos nos basear a partir dos ensinamentos de Emmanuel Lévinas. Intensificar esse movimento de transcender aquilo que me difere é fazer com que as relações preconceituosas e de intolerância se transformem em relações livres e inteiras de respeito e completude.

8 - METODOLOGIA

Identidade na Educação Infantil é o passo principal para criar nas crianças valores e princípios que irão nortear toda sua vivência nas relações. A implementação da Lei 10,639/96, traz para nossos currículos a inserção da História e cultura Afro-brasileira e o desafio de fazer essa inserção de maneira a contemplar conteúdos que realmente resgatem a história e criem valores baseados na tolerância ao diferente e no reconhecimento do outro.

A proposta é fazer uma releitura dos componentes da cultura negra africana e indígena junto com os alunos e de forma a propiciar ao educando a identificação com essa cultura. É na identificação e no reconhecimento que valores e relações são estabelecidas. Daí a necessidade de propiciar às crianças nesse primeiro contato com o mundo, a possibilidade de formar sua identidade reconhecendo e valorizando o outro, o que se difere, a partir de um contexto onde o preconceito e o racismo não encontrem espaço para se estabelecer.

Nesse contexto, o papel do professor é o de intermediar as relações entre as crianças, onde a afetividade, o respeito e a valorização do outro seja exaltada. Ou seja, o educador deve “alinhar” as diferentes histórias que as crianças trazem, entrelaçando convivências. O grupo de professoras e gestores da Umei Jaqueline, para os seus primeiros meses de atividades (abril a dezembro) decidiu que o seu primeiro projeto institucional seria baseado em atividades de interação e educacionais envolvidos no seu sistema, com a finalidade de formar a identidade da nossa escola.

Nessa perspectiva, foram necessárias a implementação de estratégias voltadas para a recepção das famílias, e tudo foi pensado para o melhor atendimento às especificidades e bem estar das crianças. Não bastou apenas recebê-las, mas antes de tudo, foi preciso fazer um movimento para que essa comunidade fosse conhecida pela escola, e a mesma fosse conhecida pela comunidade.

Antes do início das aulas efetivamente, todas as famílias foram convidadas a participarem de uma reunião geral, onde foram esclarecidos pontos importantes acerca do funcionamento, horários e atendimento da escola. Nessa organização, as famílias ficaram cientes de como levar a sua criança até a escola, em qual horário

seria o atendimento, como era distribuído o quadro de professores, quais os fins e objetivos da educação infantil (cuidar e educar de forma indissociada), como seria fornecida e quais os tipos de alimentação, e antes de tudo, como seriam os primeiros dias da sua criança na instituição, ou seja, como seria a fase de adaptação.

Como consequência de um projeto institucional voltado para a formação da identidade, para designar e identificar as turmas, o grupo de professores pensou em nomear cada sala com um nome cujo significado seria um valor (respeito, amizade, carinho, amor, etc.).

A escola teve também o cuidado para que os primeiros encontros festivos na Umei promovesse nas famílias o espírito de pertencimento e participação. Foram realizados eventos como: festa da família, piquenique da páscoa, festa junina. Sempre com participação das crianças tanto na ornamentação da festa quanto nas apresentações artísticas.

A Música "Que abraço bom" tornou-se o canto de referência da escola nesses eventos, pois fala do quanto é bom ser amigo e ser abraçado.

Diante desse primeiro momento de experimentações e de construções na Umei Jaqueline é que Plano de Ação foi também se estruturando. Diante da gama de informações que o curso foi me trazendo, fui organizando atividades que pudessem fazer um real sentido na vida cotidiana escolar das crianças, e que trouxesse conhecimentos diversos sobre outros povos, outras culturas e outras marcas identitárias.

Como a Umei Jaqueline estava no início das suas atividades, a materialidade ainda deveria ser adquirida para que os trabalhos pudessem ser executados. Material de papelaria, de biblioteca e áudio visual foram adquiridos gradualmente e fomos adequando nossos planejamentos para essa realidade.

Como eu já trabalhava na Umei Juliana, juntamente com outra professora, a Angela que também é cursista aqui no Laseb, iniciamos uma troca de correspondências com as turmas do Respeito (Umei Jaqueline) e Cachorrinho (Umei Juliana), como estratégia para desenvolver a linguagem oral e escrita, despertar o interesse dos alunos em conhecer outras crianças e outros espaços de educação. Ou seja, tivemos a possibilidade de dialogar nossos projetos.

A turma do Respeito, conforme já mencionado, é uma turma muito questionadora e interessada. Tal característica seria um grande facilitador para a

execução dos trabalhos pois, a proposta é trazer para o universo dos alunos outros conhecimentos sobre a diversidade de povos, sobre a formação de nosso país, sobre a nossa própria formação enquanto sociedade, sobre como outras crianças vivem em outras partes do mundo.

A estratégia é cruzar histórias. Cada um carrega em si uma bagagem e devemos fazer essa troca. Trocar experiências, trocar informações, sentimentos e vivências de forma a ampliar o olhar para o mundo. Quando me diferencio do outro, me reconheço e nessa interação passo a respeitar também o que é diferente. Nesse quadro, nosso papel é mediar e realmente “alinhar” essas identidades, de forma que elas possam amadurecer o conhecimento de si e valorizar o outro.

Não podemos falar na formação da identidade sem nos ater ao próprio sentido da alteridade. O eu só pode existir a partir da referência e sentido no contato com o outro. Partindo desse pressuposto é que o presente projeto tentou estabelecer esse contato entre as crianças, onde elas possam se reconhecer na convivência e na própria experiência com o outro.

Manusear diferentes fontes de informação e diferentes formas de arte. Construir, experimentar essas formas. O que os indígenas trouxeram para nossa vivência hoje, o que os negros africanos trouxeram para nosso cotidiano, o que cada um traz para nosso mundo. Somente através do conhecimento e da experimentação é que as crianças podem construir em si a ampliação dos seus conhecimentos e da capacidade de sensibilizar com o outro, de se inteirar com o outro de forma respeitosa estreitar relações que valorizem as diferenças ao invés de repudiá-las.

9 - DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

As aulas tiveram início no dia 09 de abril, e as crianças tiveram, nos primeiros dias, atividades voltadas para o conhecimento da escola e dos espaços, e para a adaptação junto as professoras e aos colegas.

Os primeiros dias de funcionamento da escola foi de adaptação para todos os envolvidos no processo de funcionamento da instituição. A grande maioria das professoras vieram de outras instituições, porém recebemos alguns profissionais novatos.

A própria curiosidade e interesse que a Umei Jaqueline, com seu prédio novo e todo colorido, despertou na comunidade, movimentou bastante a escola nesses primeiros dias. Todos queriam conhecer a escola e saber das possibilidades de conseguir vagas para seus filhos.

A adaptação da turma do Respeito foi muito tranquila, tendo em vista que as crianças, em sua grande maioria, já frequentavam outras escolas e não tiveram dificuldade em reconhecer-se no espaço da Umei Jaqueline.

A chegada na escola também foi muito tranquila, e quase nenhuma criança chorou durante a entrada na escola ao se separar da família, e logo apresentaram ter simpatia pelas professoras novas.

Certamente os parquinhos foram os locais de maior destaque e que despertaram maior interesse nas crianças nesse primeiro momento na escola. Com brinquedos novos e com uma ampla área gramada para os alunos se locomoverem a vontade, jogar bola, enfim, se sentiram felizes nos momentos de atividades livres.

A sala de biblioteca também despertou grande curiosidade dos alunos. Um espaço com livros, mesas e cadeiras, alguns fantoches e um aparelho de TV e DVD. As crianças se interessaram muito pelos livros. Nos primeiros momentos neste espaço, deixamos as atividades livres para os alunos poderem manusear os livros e trocarem comentários e impressões com os outros colegas.

Os momentos de interação proporcionados no primeiros dias de aula foram a grande base para a formação da identidade da turma do Respeito. Através de conversas, brincadeiras e jogos proporcionados, as crianças foram se conhecendo e estabelecendo relações de grande amizade entre si.

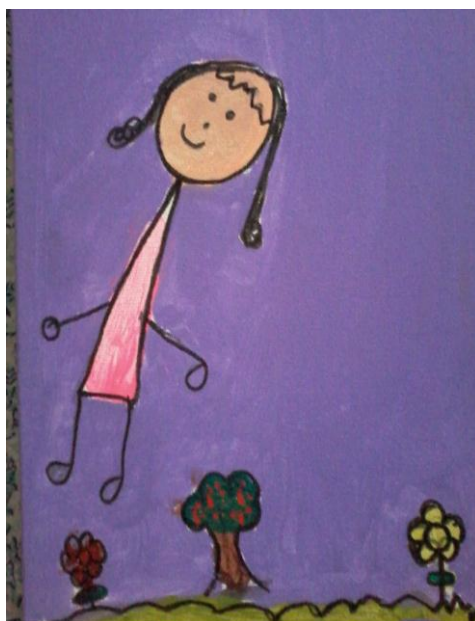


FIGURA 4



FIGURA 5

As crianças adoraram andar de velotrol. Tal atividade fez com que elas também pudessem familiarizarem-se mais com os espaços físicos da escola e se sentissem seguras e autônomas. Tudo era novidade e despertava grande interesse nesse grupo de crianças tão comunicativo e interativo.

Como rotina da sala, foram propostas as seguintes possibilidades para a realização de diversas atividades, que são planejadas diariamente conforme necessidade e especificidade do momento:

- CHEGADA: roda de conversa, brinquedo livre, massinha, blocos de montar, quebra cabeças.
- HORÁRIO DO LANCHE: momento onde é oferecido às crianças alimentação conforme cardápio programado pela nutricionista.
- PARQUINHO: brincadeiras livres com os brinquedos fixos no parque. Momento de interação onde as crianças podem correr, rolar, brincar de casinha, jogar bola, balançar e brincar no gira-gira e escorregador.
- ATIVIDADE DIRECIONADA COM A PROFESSORA: momento em que se realiza trabalhos de intervenção e direcionamento, previstos nos planejamentos, projetos e currículos.
- BIBLIOTECA: é reservado para a turma horário específico para o uso do espaço da biblioteca.
- SALA DE MULTIUSO: horário reservado para a turma se utilizar do espaço onde há vários brinquedos disponíveis e aparelho de som.
- ALMOÇO: horário da alimentação com cardápio previsto pela nutricionista.
- ESCOVAÇÃO: as crianças realizam escovação dentária após a refeição.
- PREPARO PARA A SAÍDA: as crianças ajudam na organização da sala e organizam seu material de uso pessoal e se preparam para que os pais cheguem para buscá-las.

Nesses primeiros dias de contato e de observação, concluí qual o nível de maturidade, de apreensão e de desenvolvimento das crianças, e pude fazer um planejamento das atividades e das intenções a serem trabalhadas com a Turma do Respeito.

Num primeiro momento, me apresentei para os alunos, e, em rodinha, aprendemos a cantar a música: "Bom dia coleguinha como vai?" Como forma de que as crianças falassem seus nomes e se apresentassem para a turma. Nesse momento verifiquei o quanto as crianças gostam quando seus nomes são cantados. Percebeu-me que elas se sentiam integrantes do grupo naquele momento. Essa música passou a ser o nosso "canto de entrada", para iniciar nossas atividades do dia.

A partir de agora irei fazer os relatos de acordo com as atividades desenvolvidas separadamente:

9.1 - Livro: Ninguém é igual a ninguém

O livro retrata a vida de um personagem em sua família, conceituando em linguagem simples e acessível as crianças, identidade e diferença. A importância que cada um tem no meio em que vive: familiar, escolar, social é comparado como os dedos das nossas mãos. Todos diferentes porém com sua importância e singularidade.



FIGURA 6

As crianças, após leitura do livro em roda, fizeram seus comentários sobre o livro, e se interessaram em contar como era sua família, quantas e quais pessoas a formavam. Após essa conversa, as crianças realizaram o desenho e pintura das mãozinhas, onde elas em cada dedinho, desenharam os entes familiares e amigos, percebendo que cada dedinho, como cada pessoa que este irá representar, são diferentes mas fazem parte de um contexto único, que é o da relação afetiva de cada um.

9.2 - Livro: Girafinha flor faz uma descoberta



FIGURA 7

Regado com os temas sobre amizade, respeito às diferenças e reconhecimento de si, a leitura desse livro foi realizada na biblioteca na escola, onde as crianças sentaram-se em rodinha e o ambiente agradável em meio aos livros fez com que as leituras sejam apreciadas de maneira calma e agradável.

Através de uma “viagem”, Girafinha Flor descobre que deve se aproximar do outro para conhecer os encantos e a riqueza da amizade. Dessa aproximação, Girafinha Flor faz uma descoberta importante: os amigos. Ao tentar sair da sua casa para encontrar novos amigos, ela descobre em seu caminho, personagens importantes e marcantes na sua vida. Ao permitir sair de si, Girafinha encontra o outro e descobre que, mesmo sendo todos diferentes, cada um tem uma grande importância na sua vida e nunca mais se sentiu sozinha.

A leitura dessa obra de Therezinha Casasanta levou as crianças ao entendimento de que cada pessoa, mesmo sendo diferente, é importante e única.

No dia seguinte, fizemos novamente a grande roda e conversamos mais sobre o tema amizade e cada criança falou dos seus novos amigos da turma. Logo após, cada um fez um bonito desenho de cada amigo, aquele que ele mais se identificou.

9.3 - Música: Pindorama - Palavra Cantada

Pindorama, Pindorama
É o Brasil antes de Cabral
Pindorama, Pindorama
É tão longe de Portugal

Fica além, muito além
Do encontro do mar
com o céu
Fica além, muito além
Dos domínios de Dom
Manuel

Vera Cruz, Vera Cruz
Quem achou foi
Portugal
Vera Cruz, Vera Cruz
Atrás do Monte
Pascoal

Bem ali, Cabral viu
Dia 22 de abril
Não só viu, descobriu
Toda a terra do Brasil
FIGURA 8

Pindorama, Pindorama
Mas os índios já estavam aqui
Pindorama, Pindorama
Já falavam tudo em tupi

Só depois vêm vocês
Que falavam tudo em português
Só depois, com vocês
Nossa vida mudou de uma vez

Pero Vaz, Pero Vaz
Disse numa carta ao rei
Que no altar, sob a cruz



Rezou missa o nosso frei

Mas depois, seu Cabral
Foi saindo devagar
Do país tropical
Para as Índias encontrar
Para as Índias, para as Índias
Mas as índias já estavam aqui
Avisamos, olha as índias!
Mas Cabral não entende tupi

Se mandou para o mar
Ver as índias em outro lugar
Deu chabu, deu azar
Muitas naus não puderam voltar

Mas enfim, desconfio
Não foi nada ocasional
Que Cabral, num desvio
Viu a terra e disse: Uau!
Não foi não, foi um plano imperial
Pra aportar seu navio num país monumental

A Álvares Cabral
A El-rei Dom Manuel
A índio do Brasil
E ainda a quem me ouviu

Vou dizer, descobri
O Brasil ta inteirinho na voz
Quem quiser vem ouvir
Pindorama ta dentro de nós

A Álvares Cabral
A El-rei Dom Manuel
Ao índio do Brasil
E ainda a quem ouviu

Vou dizer, vem ouvir
É um país muito sutil

Quem quiser descobrir
Só depois do ano 2000!

Com o uso do aparelho de TV na biblioteca da escola, as crianças viram e ouviram essa bela música do grupo Palavra Cantada que fala sobre a chegada dos portugueses no Brasil. Com desenhos e animação gráfica muito coloridos e artísticos, o vídeo mostra os principais personagens da nossa história: os portugueses, os índios, os negros e a viagem marítima realizada pelos colonizadores.

Após assistir o vídeo, nos reunimos na sala de aula e, em roda, conversamos sobre os primeiros habitantes de nosso país, da chegada dos colonizadores e da importância da cultura dos índios, negros e portugueses para a formação da nossa nação. As crianças se interessaram muito pelos desenhos mostrados no vídeo sobre os índios, e realizaram lindos desenhos como forma de registro da aprendizagem daquele momento.

Nesse mesmo dia, desenhei um grande mapa do Brasil com o Estado de Minas Gerais em destaque. Expliquei às crianças sobre o que é um país e da importância que cada pessoa de origens diferentes têm para sua formação e sua cultura. Conversamos também sobre os costumes que possuímos e que vieram de outros povos: indígenas, negros e europeus. Exemplifiquei com palavras cotidianas que utilizamos, vestimentas, utensílios e comecei a falar sobre as nossas lendas e folclore, tendo em vista de que era muita informação.

9.4 - Leitura do Livro: Biroasca quer fugir de casa

Em rodinha no pátio da escola, foi realizada, junto com os alunos, a leitura do livro do peixinho Biroasca que decidiu fugir de casa porque todos os visitantes do parque sujavam seu habitat jogando restos de comida, garrafas pet, pipocas e até um cartão BH bus. A intenção de ler esse livro para os alunos foi a de que eles tivessem conhecimento sobre a cidade que vivem - Belo Horizonte - e do Parque Municipal. Fizemos juntos também, uma reflexão da importância de respeitar e manter limpos os nossos parques e todos os lugares que visitamos.

Após essa leitura, as crianças fizeram o registro da história através de uma dobradura de peixinho que levaram para casa para contar para suas famílias a história do peixinho Biroasca.

9.5 - Livro: Crianças do Mundo

O livro possui ilustrações e pop-up interativos que traz uma interessante versão sobre como cada criança vive no mundo. Essa imersão no imaginário infantil, faz com que o leitor passe a ter conhecimento sobre as atitudes e costumes das crianças em diferentes países

Passo a passo, o livro foi apresentado para os alunos da seguinte forma:

- Apresentação do Globo Terrestre destacando os mapas do Brasil, da África, e da Europa, mostrando para as crianças de onde vieram as pessoas que formaram nosso país como ele é hoje: rico em diversidade cultural e racial. Relembramos a música "Pindorama" e fizemos uma reflexão de como nosso país é grande e de como somos ricos em natureza, em cultura e em extensão de terra.

Comentamos também sobre como são nossas casas, nossos bairros, nossas cidades, de como é nossa alimentação (aqui, cada criança comentou do que mais gosta de comer e do que não gosta), quais as brincadeiras que são mais legais e divertidas, como o nosso país é quente e chove bastante também.

- Nessa segunda parte comentamos o livro analisando como vivem as crianças nas outras partes do mundo, em outros países: a linguagem, o vestuário, as brincadeiras, a alimentação, a moradia, as diferenças do clima e da paisagem.

Nesse momento, preoquei-me em falar e demonstrar através das imagens trazidas pelo livro, sobre as grandes diferenças que cada país e cada cultura possui em relação ao Brasil. As crianças perceberam como o clima e as variações de paisagem influenciam em como as pessoas se vestem e como elas se comunicam.

Foi o momento em que a curiosidade e os comentários foram mais contundentes na realização deste trabalho. Conhecer as diferenças despertou o interesse das crianças.

Após o término da leitura do livro, as crianças registraram de diversas formas (colagens, pinturas e desenhos), a casa onde moram, a família, a escola, brinquedos preferidos, melhor amigo e seu autorretrato.

9.6 - Livro: Menina bonita do Laço de fita

Essa obra de Ana Maria Machado traz uma história irreverente e cativante a respeito da compreensão de como as pessoas são diferentes e parecidas. Através da leitura desse livro, que fizemos em roda na sala de aula, as crianças riram muito diante das diversas situações que a Menina colocou o Coelho para que este ficasse pretinho como ela.

Ao término da história, quando a mãe da Menina interfere na relação dela com o coelho e lhe conta o seu segredo de que a menina é mesmo parecida com sua mamãe e com seu papai, todas as crianças quiseram contar com quem mais pareciam.

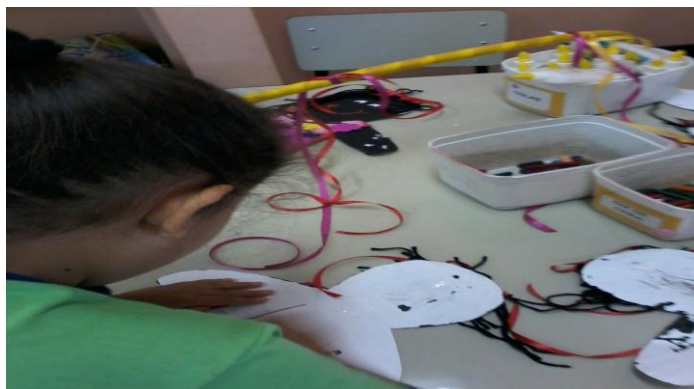


FIGURA 9



FIGURA 10

A intenção nessa atividade foi a de que as crianças percebessem que somos todos parecidos com nossos parentes próximos no que diz respeito a cor da pele,

olhos, cabelo, tipo físico e quando misturamos nossas cores, ficamos todos coloridos, como os coelhinhos filhotes da história.

Como atividade de reconto e arte, as crianças realizaram a confecção através de recorte, pintura e colagem da Menina bonita do Laço de Fita.

9.7 - Vídeo comentado: Kirikou e a Feiticeira

Em nossa Biblioteca fizemos um cineminha com pipoca para assistirmos o filme Kirikou e a Feiticeira. Essa produção animada conta a história de uma criança de uma tribo africana que possui grandes habilidades e poderes para lidar com os feitiços e maldades realizados pela Feiticeira. o vídeo faz uma leitura interessante sobre o continente africano: como vivem em comunidade, sua forma de se vestir, seus costumes, sua música, sua arte, sua dança, suas crenças e como os membros da comunidade se relacionam entre si. Traz também imagens de como é a paisagem das Savanas e os animais que vivem nesse habitat.

As crianças ficaram muito interessadas pelas histórias de Kirikou. Durante a exposição do filme, fiz vários comentários chamando a atenção dos alunos para os principais aspectos retratados pelas imagens que poderíamos reconhecer em nosso cotidiano e vivenciamos em nosso dia a dia. Após o filme, as crianças realizaram uma releitura, através de desenho em papel colorido, de uma imagem de uma bela africana.

9.8 - Livros da Coleção Africanidades

Com a utilização dos exemplares dos livros da referida coleção, em rodas de conversa, as crianças tiveram contato com os vários conteúdos que envolvem o tema África: "Folclore e lendas", "Personalidades e personagens" , "A influência Africana em nosso idioma", "Jogos, brincadeiras e cantigas", Culinária Afro-Brasileira", Atualidades em Africanidades", "Religião Africana no Brasil", "Festas Populares" e "Artes".

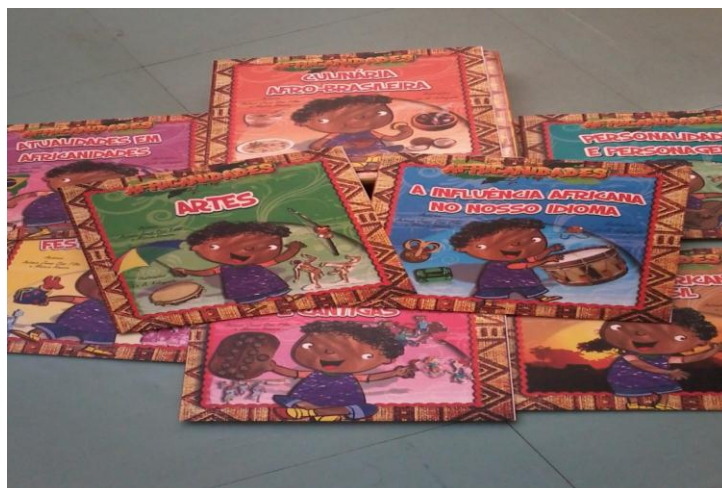


FIGURA 11

Essas histórias foram lidas durante o período de uma semana, diariamente, e as crianças demonstraram enorme interesse em ouvi-las. O objetivo foi o de despertar-lhes o interesse sobre a cultura e a história Africanas.

Importante aspecto observado foi o de que por várias e várias vezes constatamos e comparamos os diversos aspectos de origem africana presentes em nosso cotidiano e vivenciados em nossas histórias, brincadeiras, músicas, linguagem, religião, festas, danças, alimentação, etc. Frisei em nossas conversas que a cultura africana está presente em tudo que cerca nossa vida, pois ela é parte da nossa origem, da nossa identidade e precisamos conhecê-la para nos reconhecer também.

Tivemos a oportunidade de conversar muito sobre nossas histórias folclóricas, onde o Saci-Pererê foi alvo de grande interesse e comentários. As crianças optaram em fazer um boneco do Saci para darmos culminância a essas atividades.

9.9 - Livro: Colcha de Retalhos

A intenção dessa atividade foi propor uma nova experimentação para as crianças, oportunizando o conhecimento de suas histórias e o reconhecimento delas nas histórias dos seus colegas.

No pátio da escola, a história "Colcha de Retalhos" foi contada para as crianças e fizemos uma reflexão sobre como as histórias de nossas vidas são contadas. Concluimos que só entendemos bem as coisas que experimentamos e que todos nós temos uma história, um momento de vida que marcou, um dia alegre, um dia triste.

Nessa perspectiva, o livro traz uma proposta para que cada história seja contada de uma forma diferente. Na história do Felipe, a sua vovó lhe fez uma colcha de retalhos com pedaços das roupas de todos os seus familiares e entes queridos. Durante o cozimento dessa colcha, Felipe e sua avó foram revivendo suas histórias com as lembranças trazidas pelos pequenos pedaços de panos, que antes foram roupas usadas em dias marcantes, dias que relembrou com nostalgia, alegria, tristeza e até saudade.

A proposta foi a de que, durante um certo período onde todos pudessem participar, cada criança levou o livro em uma sacola personalizada com um caderno para casa. Junto com sua família, eles fizeram a leitura, o registro da história do livro e narraram sua própria história nesse mesmo caderno. De volta para a escola com esse material, cada um trouxe na sacola um pedaço de uma roupa que teve um significado importante em sua vida.

Juntando todos os tecidos e através da leitura das histórias que cada um registrou no caderno, construímos uma pequena colcha de retalhos da turma do Respeito. Essa colcha teve sua história traduzida nas diferenças de cada um, e foi construída com os alinhavos que marcaram e delinearão profundamente a identidade de cada criança e da própria turma. Nessa atividade, o meu papel foi apenas costurar, entrelaçar os pedaços nessa construção.

As crianças demonstraram grande entusiasmo em contar sua história, em comparar suas afinidades e diferenças com as dos outros colegas, e puderam sentir-se também, fazendo parte de algo grande e que teve significado na sua formação: o respeito pelo outro, pelo diferente, e a necessidade dessa diferença na construção das relações afetivas de cada um.

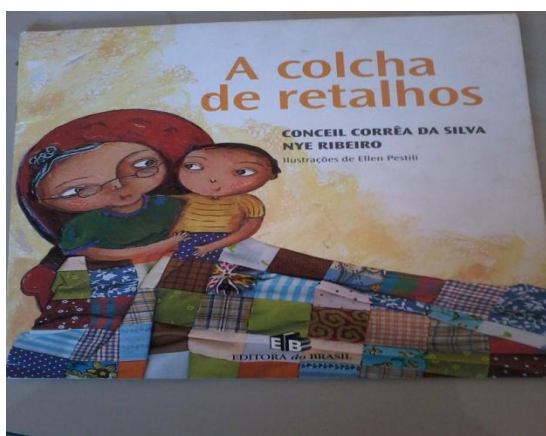


FIGURA 12



FIGURA 13

9.10 - Conhecendo A Turma Do Cachorrinho: Reconhecendo A Turma Do Respeito

Com o intuito de ampliar o universo afetivo e de relações das crianças, eu e a professora Angela, da Umei Juliana, entrelaçamos nossos Planos de Ação e realizamos um trabalho de troca de correspondências e visitação entre as turmas do Respeito e Cachorrinho.

Foi extremamente rica e prazerosa a experiência pedagógica de trocar correspondências. A turma do Respeito recebeu sua primeira carta com muito entusiasmo e curiosidade.



FIGURA 14



FIGURA 15

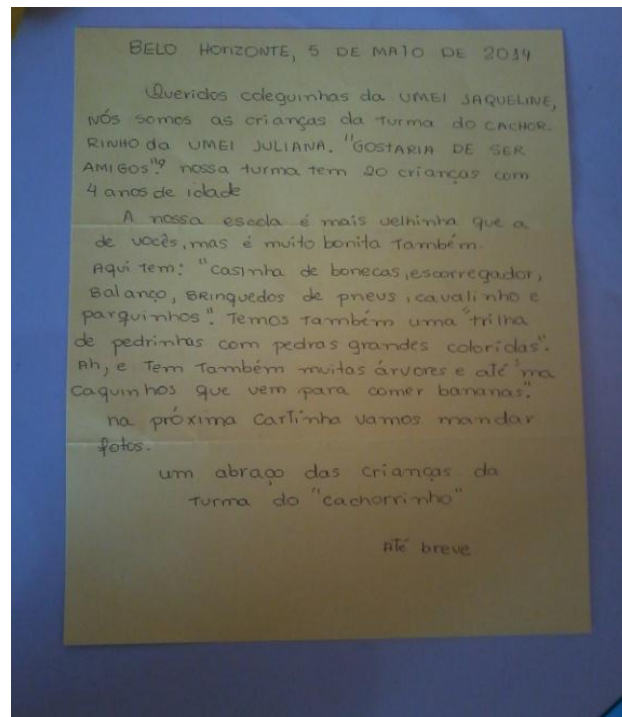


FIGURA 16



FIGURA 17

Trocando essas correspondências, as turmas do Respeito, da Umei Jaqueline, e Cachorrinho, da Umei Juliana, tiveram oportunidade de se conhecerem, e mais importante, reconhecerem-se.

As cartas trocadas forneceram informações importantes sobre a escola, sobre o número de alunos, o espaço físico e sobre a identidade de cada turma. Assim, pudemos juntar essas informações, comparar, imaginar como é esses novos amigos e essa escola a qual pertencem. Essa troca foi muito importante para as crianças e despertou muita curiosidade e interesse, pois, elas concluíram que existem outros espaços e outras crianças que, como elas, estudam, brincam, interagem, possuem características iguais e principalmente, possuem características diferentes que poderiam acrescentar e fazer o universo delas crescer.

Como agradecimento, a turma do Respeito fez um bonito trabalho artístico de pintura e enviou para a turma do Cachorrinho, que respondeu com muito carinho:

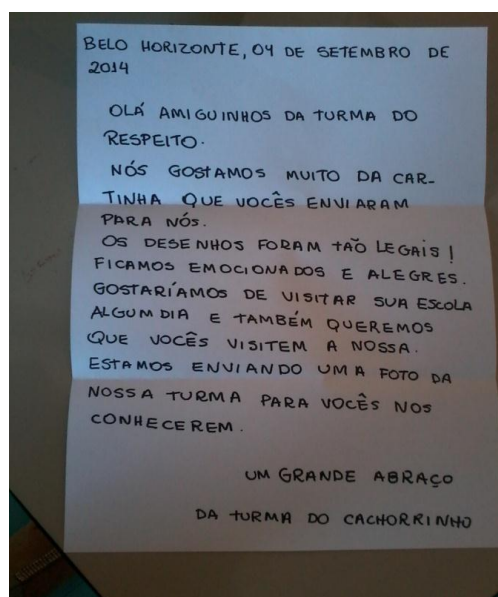


FIGURA 18

Nessa última carta, a turma do Cachorrinho propôs a visita das turmas às respectivas escolas. Conversamos com direção e coordenação das escolas e, através de um projeto específico, conseguimos o transporte para viabilizar as visitas.

Os alunos da turma do Respeito já não cabiam em si de ansiedade pelo grande dia em que receberíamos os amigos da Turma do Cachorrinho. Foram vários

preparativos: confecção de cartaz de boas vindas, ensaio de música - "Que abraço bom" - e os combinados foram estabelecidos com os alunos para que todos fossem recebidos com educação, carinho, atenção e muita alegria.

No grande dia, com muita expectativa e entusiasmo, recebemos as crianças da turma do Cachorrinho, as professoras Sandra e Angela e a Coordenadora Kátia.

Foi emocionante a chegada das crianças. No encontro, todos se entreolharam curiosos, emocionados e nostálgicos por conhecerem os já tão queridos amigos.

Em uma grande roda no hall de entrada da escola, todas as crianças foram apresentadas, cantamos músicas, e entregamos um cartaz de boas vindas. As crianças ficaram muito curiosas para conhecerem os espaços da escola. E assim fizemos: apresentamos todas as salas, o refeitório, a biblioteca, a sala de multiuso e por último, deixamos as crianças brincarem no parquinho.

Após as brincadeiras e muita interação, almoçamos todos juntos, comemos sobremesa e fomos para a biblioteca fazer um trabalho coletivo com as crianças.

A despedida foi emocionante também: com a música "que abraço bom" todos se abraçaram com a promessa de um novo e breve reencontro: a visita da turma do Respeito à Umei Juliana.

No tempo que antecedeu nossa visita, as crianças comentavam sobre os novos colegas de uma forma diferente pois, já se conheciam, já estabeleceram vínculo e já ocorreu o mais importante: o reconhecimento e valorização das diferenças e semelhanças de cada um.

Nossa saída da escola foi cheia de expectativas e muito alegre:



FIGURA 19

Chegamos na Umei Juliana, no período da tarde, e fomos muito bem recebidos pela turma do Cachorrinho, professores, coordenação e direção da escola.

No hall de entrada, fizemos uma grande roda e, como já éramos todos conhecidos, a professora Angela conversou com todos a respeito da programação do dia: conhecer os espaços da Umei Juliana, ouvir uma história em roda, contada pela Bruxinha Sandra, fazer um momento de piquenique de frutas coletivo, conhecer o viveiro e a trilha da aventura, brincar no parquinho, fazer uma atividade coletiva, jantar e preparar-se para a volta à Umei Jaqueline.



FIGURA 20

O conhecimento e o reconhecimento das turmas entre si frutificou em momentos de muita interação, troca de experiências e formação de relações de afeto, respeito e muita alegria nas crianças.



FIGURA 21



FIGURA 22



FIGURA 23

Como proposta de atividade coletiva, foram distribuídos corações coloridos para as crianças onde elas desenharam dentro deles o que o coração de cada uma mais desejava que fosse realizado no ano de 2015. Esses corações foram colocados em uma árvore que estava no hall de entrada da escola denominada "Árvore dos Desejos".

Foi com muita nostalgia que todos nós vivenciamos esse momento de expor desejos. A grande maioria das crianças colocou seus nomes nos corações e desenhou seus desejos com entusiasmo, comparando os desenhos e desejos com os demais colegas, todos penduraram seus corações nas árvores. O intuito dessa atividade foi a de que os alunos da Umei Jaqueline sentissem, através da produção dos corações e da sua visualização na árvore, que marcaram aquele espaço e as pessoas que foram visitar.



FIGURA 24



FIGURA 25

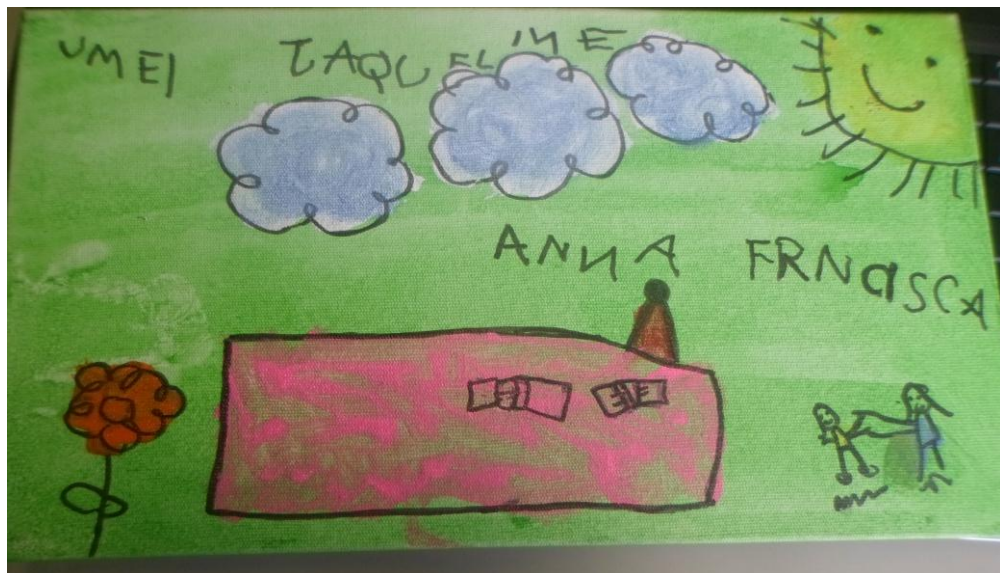


FIGURA 26



FIGURA 27



FIGURA 28



FIGURA 29

10 - AVALIAÇÃO

Na Educação Infantil, a avaliação é um processo contínuo, sem caráter de promoção que considera as várias linguagens abordadas no processo educativo como base para conceituar o desenvolvimento das crianças.

A avaliação e a propositura das estratégias que contemplem especificidades diversas, deve ser um olhar sensível que alcance o outro.

Como critério de avaliação neste trabalho em sede de Plano de Ação, considerei, antes de tudo, a evolução da construção afetiva das crianças no espaço escolar com seus pares de idade. Observei quais atitudes e quais posturas os alunos adotaram como forma de corresponder e participar das ações que estavam sendo trabalhadas.

Os desafios nas relações que foram propostos foram de suma importância para concluir de antemão sobre a importância da Educação Infantil no processo de formação das relações que envolvem diversidade, raça, gênero e, antes de tudo, do preconceito.

As crianças não nascem com formas de preconceito estabelecidas e de intolerância ao diferente para se relacionarem com o mundo. O mundo que as cercam lhes dá as referências básicas com as quais as crianças se espelham para construir a sua identidade. O modo como esse universo de relações lhe é apresentado é que será determinante para a formação dos seus afetos e desafetos durante sua vida.

Através do entrelaçamento de histórias e das diversas formas de vivências com o outro experimentadas, as crianças se sentiram a vontade e seguras para expressarem-se e, em alguns momentos de interação, senti que a nostalgia do conhecer e se reconhecer através desse contato se fez presente e enriqueceu as atividades e o processo de aprendizagem.

O deslocamento para outros mundos através das histórias, das músicas, vídeos e a visitação de outro espaço escolar, ampliou o universo de convívio dos alunos. Essa ampliação possibilitou a formação de uma identidade em cada um livre de preconceito, baseada em respeito e amizade.

11 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós, educadores, precisamos identificar as diversas formas de discursos que instituem e normatizam a diferença no espaço educacional que pertencemos e atuamos.

Uma simples viagem turística pelos conteúdos que abarcam o tema sobre diversidade cultural, gênero e relações étnico-raciais não alcança o objetivo de um trabalho que contempla a realidade de nossas crianças, das nossas próprias experiências e da nossa sociedade. Histórias marcadas pela diferença a fim de "se livrar" do conteúdo da diversidade não solidifica um trabalho conciso e de respeito à valorização e construção real dos sujeitos.

É preciso compreender que estamos diante de seres humanos em constante construção, e a fase da formação dessas relações tão importantes para a auto estima e desenvolvimento dos sujeitos está na educação infantil.

Não podemos nivelar sujeitos em formatos pré-estabelecidos baseados em concepções preconceituosas que reproduzem relações de poder a fim de vencermos planejamentos vazios e que não dialogam com a realidade. Antes de cumprir metas, precisamos pensar na essência do trabalho a ser desenvolvido com nossos alunos.

O que estamos transferindo e formatando realmente para a bagagem afetiva e intelectual dos nossos educandos?

Trabalhar com as questões que envolvem o tema sobre a diferença é antes de tudo trabalhar com relações. Relações estas que são a manifestação de cada um em todos os âmbitos que cercam suas vivências e experiências. Relacionar com o outro é estabelecer vínculos e pontes que irão construir identidades. Daí a importância e o desafio de desmistificar conceitos, respeitar e valorizar a identidade do outro de forma a desmarcar identidades tidas em nosso cotidiano como "diferentes" e "excêntricas".

A materialidade pedagógica, a literatura, os espaços, a produção cinematográfica e até mesmo artística que contemplem a temática discutida neste, existe sim! Porém, quem dará corpo e vida para estruturar um trabalho que se preocupa realmente com a formação da identidade e a valorização das relações de afeto em nossas crianças está em nossas mãos, através do nosso deslocamento

material e sensível para perceber onde nosso toque realmente fará diferença e irá contemplar essa construção.

Se olharmos com sensibilidade perceberemos que todas as nossas ações pedagógicas estabelecem uma relação, e toda relação é confronto com o outro, é estabelecer igualdade e diferença e formar identidade.

É preciso ouvir, perceber e estar atento às diversas histórias e vivências reais de cada criança. Cada um traz em si um universo a ser descoberto, experimentado e ampliado pelo outro. Enquanto professores, somos o transporte para essa viagem rumo a descoberta do que difere, do que forma e do que traduz.

As crianças nascem com o olhar limpo, aberto, sincero e inteiro para o mundo. O preconceito não é nato, ele não nasce com o ser, mas se cria em nossa sociedade através de relações que se estabelecem de forma hierárquica. Educamos a intolerância, o desrespeito e somos responsáveis pelo atual panorama de desigualdade. Enquanto compositores da sociedade, pais e educadores, somos o espelho onde os pequenos irão refletir valores e estabelecer relações. Nós somos responsáveis pela sua formação afetiva, de caráter e de personalidade. Nessa perspectiva, ensinamos o preconceito, ensinamos a intolerância e, antes de tudo, reiteramos o sistema já normatizado.

O cenário de diversidade e riqueza existe e já está pronto! Cabe a nós, como educadores, sermos o "alinhavo", o "cozimento" dessas diferenças, possibilitando o eterno ir e vir nessa ponte de conhecimento do outro e do reconhecimento do eu, onde a alteridade seja a forma primeira de ser, de sentir, e de experimentar as relações de afeto e amor ao diferente.

12 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubens. Educação do Olhar. Disponível em < <http://www.paisefilhos.pt/index.php/opiniaio/63-rubem-alves>> Acesso em 25 de fevereiro de 2015.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. -- Brasília : MEC/SECADI, UFSCar, 2014. 144 p.; il.

CASASSANTA, Therezinha. **Girafinha Flor faz uma Descoberta**. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.23 p.

CIBOUL, Adéle. **Crianças do Mundo**. 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

Dicionário Eletrônico - Michaelis. Disponível em < <http://michaelis.uol.com.br/>> Acesso em 24 de fevereiro de 2015.

FILHO, Antonio Jonas Dias. HONORA, Márcia. **Africanidades**.1 ed. - São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

Gomes, Nilma. 2008. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade. O "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In.: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana. (Orgs). *Corpo, gênero e sexualidade - um debate contemporâneo sobre educação*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 9-27.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do laço de fita**. 1 ed. - São Paulo: Melhoramentos, 1986.

_____. Ministério da educação e do desporto. *Lei nº 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003*.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Mouffe, C. (s.d.2). Por uma política da identidade nômade. *Debate Feminista. Cidadania e Feminismo* (pp. 266-278). São Paulo: Melhoramentos.

Música Pindorama – Palavra Cantada Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/palavra-cantada/pindorama.html#ixzz3WNgZW0Vs>> Acesso em 04 de março de 2015

PARAÍSO, M.A. Currículo-nômade: quando os devires fazem a diferença proliferar, In: COSTA, M. Et all (Orgs.). *Estudos culturais e Educação*. Editora Ulbra. Canoas. No prelo. 2015

Puc-Rio – Certificação Digital No. 0613172/CA Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13482/13482_4.PDF> Acesso em 15 de fevereiro de 20152

Regina Otero, Reginna Rennó .**Ninguém é igual a Ninguém** – São Paulo: Editora do Brasil,1994.

Revista Eletrônica Igarapé - Nº 3, Maio de 2014 - ISSN 2238-7587. Disponível em <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape>> Acesso em 24 de fevereiro de 2015.

RIBEIRO, Nye. SILVA, Conceil Corrêa da. **A Colcha de Retalhos**. 2.ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2012. 23p.

SOUZA, Edna Barbosa de. **Birsoca quer fugir de Casa**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora Alis, 2010. 12p.